



REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA E HISTÓRIA



O SÉCULO DA CRÍTICA: RAZÃO E HISTÓRIA NO PENSAMENTO DE IMANUEL KANT

Pedro Junqueira de Oliveira Neto

Graduado em História pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP)

Email: pedrojnet@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho representa o esforço de entender o pensamento de Imanuel Kant. O texto é uma síntese daquilo que consideramos pertinente para pensar a razão e a história no século XVIII.

Palavra Chave: Kant – Razão - História

THE CENTURY OF CRITICISM: REASON AND HISTORY IN IMANUEL KANT'S THOUGHT

Abstract: *The present work represents the effort to understand the thought of Imanuel Kant. The text is a synthesis of what we consider pertinent to think reason and history in the 18th century.*

Key Words: Kant – Reason - History

1. Imanuel Kant 1724-1804

Assim como Copérnico mudou a forma como as pessoas pensavam sobre a relação da Terra para com o Sol, Kant transformou a maneira como as pessoas pensavam sobre a relação do mundo da experiência para com a mente.

A “revolução copernicana” de Kant mudou a maneira que as pessoas pensavam sobre a investigação histórica.

Marnie Hughes-Warrington

Kant es uno de los pensadores más importantes de la época por su concepción ética del mundo.

Susana Aguiar

Kant nasceu na cidade prussiana de Königsberg, atualmente nomeada como Kalinigrad, de onde raramente saiu. Filho de uma família pobre, com dificuldades ingressou no Collegium Fridericianum,

onde recebeu orientação moral e religiosa do pietismo¹.

La pareja seguía devotamente los lineamientos de la rama Pietista de la Iglesia Luterana. Por participar de tales creencias, sostenían que la religion pertenece a la vida interna y se expresa em forma de simplicidade y obediência a la lay moral (AGUIAR, 2001, p. 4).

Em 1970, ingressou na universidade de Königsberg onde seguiu os cursos de teologia, filosofia e ciências naturais. Nessa trajetória, Kant foi fortemente influenciado pelas ideias de Jacob Spener, Wilhelm von Leibniz, Christina Wolff, Martin Kutzen, Issac Newton, Jean-Jacques Roussou e David Hume.

Observando a obra kantiana, percebe-se que ela é muito vasta. Ora, Kant escreveu muitas livros, mas o seu talento não era redigir,

¹Movimento surgido no final do século XVII no interior do luteranismo. O pietismo influenciou o surgimento de movimentos religiosos independentes, tais como o pentecostalismo, o neopentecostalismo e o carismático. Sua origem é atribuída a Philipp Jakob Spener.

O século da crítica: razão e história no pensamento de Imanuel Kant

Tuvo y disfruto de un gran éxito como disertante. Su estilo, totalmente alejado del que expresa en sus libros, estaba lleno de humor, era vivaz y enriquecido con múltiples ejemplos provenientes de la literatura inglesa y francesa, además de conocimientos de viajeros, amén de la ciencia y la filosofía (AGUIAR, 2001, p.8).

Sua primeira publicação “Pensamentos sobre a verdadeira avaliação das forças vivas”, data de 1747. Neste ano Kant começou a exercer o magistério, fazendo-se professor particular. Em 1755, tornou-se Docente Livre, vindo a exercer esta profissão por cerca de quatorze anos, tendo lecionado lógica, matemática, direito natural, moral, teologia natural, antropologia, geografia, física, metafísica e pedagogia. Foi somente em 1770, ao defender a “Dissertação sobre a forma e os princípios do mundo sensível e do mundo inteligível” que o filósofo tornou-se professor titular da Universidade de Königsberg.

Quanto as suas principais obras, foram produzidas entre 1781 e 1790, afirma Hughes-Warrington, quais sejam: “Crítica da Razão Pura” (1781); “Crítica da Razão Prática” (1787) e, “Crítica do Juízo” (1790).

Ainda de acordo com Marnie Hughes-Warrington,

As primeiras obras de Kant sobre a natureza da história surgiram em 1784, com a publicação de dois ensaios. What is Enlightenment? [O que é o Iluminismo?] E Idea for a Universal History from a Cosmopolitan Point of View [Ideia de uma História Universal de um ponto de vista Cosmopolita].(2004, p. 2008).

Conforme afirma Artur Mourão, na apresentação da segunda obra,

Com este ensaio, publicado em 1784 (no Berlinische Manatschrift), [...] Kant ingressou de vez no rol dos que com maior ou menor pertinência e profundidade refletiram sobre a história, o seu enigma, as suas trevas, as suas insinuações e a imprevisibilidade do seu rumo².

Observe-se que Kant só começou a escrever suas grandes obras filosóficas aos cinquenta e sete anos. Assim, conclui-se que “sua filosofia é fruto de um longo processo de elaboração [intelectual]” (PASCAL, 2009, P.29). Neste sentido, fazendo uso

das palavras de Lucien Jerphagnon, “a grandeza de Kant não pode ser apreendida a parte de sua obra” (1992, p. 213).

Destarte, a obra do filósofo está dividida em três partes, o que corresponde a três períodos de sua vida. O primeiro momento vai de 1755 a 1770, o autor ainda não havia desenvolvido suas críticas, estando fortemente influenciado pelas ideias filosóficas de racionalistas e empiristas que dominavam a Alemanha naquele contexto. A partir de 1770 até 1790, Kant deu forma a sua filosofia e, finalmente no último momento, 1790, com a publicação de sua “Crítica do Juízo”, sua filosofia se completou. A trilogia de críticas expressam o pensamento mais maduro de nosso filósofo.

Após a publicação de sua última crítica, Kant publicou ainda duas grandes obras, a saber: “A religião dentro dos limites da simples razão” (1793) e “Metafísica dos Costumes” (1797), o que não alterou a linha do seu pensamento, afirma Georges Pascal (2009). Acrescente-se ainda, de acordo com Denis Thouard, que esta última obra “traduz o interesse que ele mantém pelos problemas colocados pela história presente, sobretudo a Revolução Francesa e suas implicações filosóficas” (2004, pp.23-24).

Somente em 1796 Kant renunciou ao exercício do magistério, vindo a falecer em fevereiro de 1804.

De acordo com Heidegger, citado por Leite, segundo um testemunho dos “Diários de Varnhaven von Ense”, Kant teria dito, já próximo a sua morte: “Cheguei um século adiantado com meus escritos; dentro de um século começarei a ser compreendido e os meus livros voltarão a ser lidos e estudados” (2001, p.32).

Se Kant viveu à frente do seu tempo, é algo que não podemos afirmar. Todavia, sem dúvida, o kantismo concorreu para a formação de grandes escolas, à exemplo de Marburg, Borden, Frankfurt. E, no final do século XIX, sua filosofia influenciou um grupo de pensadores que ficaram conhecidos como neokantianos³.

³ O **neokantismo** ou **neocriticismo** é uma corrente filosófica que desenvolveu-se na Alemanha, a partir de meados do século XIX até os anos 1920. Defendia o retorno aos princípios de Kant, opondo-se ao idealismo de Hegel, a metafísica e também contra o cientificismo positivista.

²Disponível em http://www.lusosofia.net/textos/kant_ideia_de_uma_historia_universal.pdf. Acessado em 26.12.2012.

2. O século das Luzes

Duas coisas enchem o coração de uma admiração e uma veneração sempre novas e sempre crescentes, á medida que a reflexão se interessa e se aplica: o céu estralado acima de mim e a lei moral de mim.

Apenas a razão pode nos dizer algo sobre a natureza da mente.

Immanuel Kant

No século XVIII, no que se refere à razão, observa-se que esta enfrentava grandes problemas quanto ao seu desejo de ser conhecimento universal e imprescindível da realidade.

Neste sentido, algumas questões passaram a fazer parte das discussões filosóficas do período das Luzes com maior intensidade, quais sejam: Como surgiram os princípios racionais? Nasceram com eles ou os adquirimos por meio da experiência? Quem determina o conhecimento humano é o sujeito ou o objeto? Para o que, até o século XVIII, havia duas possibilidades de responde-las: o racionalismo inatista e o empirismo. Os primeiros afirmavam que o conhecimento precede de princípios a priori, as ideias inatas, ou seja, trazemos, ao nascer, em nossa mente, os princípios racionais e as ideias verdadeiras. Seu mais ilustre representante, famoso pela máxima: "*Cogito, ergo sum.*" (Penso, logo existo.), René Descartes, rejeitava qualquer conhecimento derivado dos sentidos ou da percepção. Este pensador não deixou lugar algum à experiência. Ora, ao submeter a herança cultural, filosófica e científica de sua época a uma crítica sistemática, construiu um saber cujo centro não era mais o "ser" ou Deus, mas a racionalidade humana⁴. Tomando-se como referência o pensamento de Descartes, as ideias inatas são aquelas que não poderiam vir da nossa experiência sensorial ou da nossa fantasia, uma vez que não teríamos experiências sensoriais para compô-las a partir da nossa memória. Este filósofo teria afirmado, num texto dirigido à princesa Elisabeth em 1645, "A primeira e a principal [das ideias inatas] é que há um Deus de quem todas as coisas dependem, cujas perfeições são infinitas, cujo poder é imenso, cujos

⁴Dentre os racionalistas destacam-se Leibniz, Spinoza, Malebranche e Wolff.

decretos são infalíveis...".⁵ Ora, as ideias inatas, segundo Descartes, são sempre verdadeiras, são "a assinatura do Criador" (STOKES, 2012, p. 161).

Os empiristas, por outro lado, afirmavam que a razão, a verdade e as ideias racionais são adquiridas por nós pela experiência, única fonte do conhecimento. Para os empiristas, não há qualquer herança a priori da razão, para o que a assertiva de John Locke é elucidativa, "a mente, ao nascermos, é como uma lousa em branco, aguardando ser escrita pelo mundo da experiência" (STOKES, 2012, p. 161). Para Locke todas as nossas representações do real derivam de percepções sensíveis, sem que exista outra fonte de conhecimentos.

David Hume, por sua vez, defendia que tudo aquilo que não provinha da experiência era considerado uma invenção e deveria ser rejeitado sumariamente. "Toute hypothèse qui prétend expliquer les principes et les qualités fondamentales de la nature humaine, doit être rejetée comme présomptueuse et chimérique" (apud. GONZALEZ, 1886)⁶. A rigor, a tese de Hume está na defesa de que as ideias que temos do real originam-se da nossa experiência sensível.

Partindo da teoria do conhecimento, Hume mostrou que o sujeito do conhecimento opera associando sensações, percepções e impressões recebidas pelos órgãos dos sentidos e retidas na memória. Afirmou, "Sou nada além de um monte de percepções" (apud. STOKES, 2012, p. 167).

Sublinhe-se que o objetivo primeiro de Hume era mostrar que o conhecimento da natureza humana e de suas propriedades constantes é a condição de toda ciência e de toda sua filosofia.

Neste sentido, Hume empreende a observação do homem em sua vida real cotidiana e o registro das impressões e imagens que completam seu entendimento, pois a experiência é, de acordo com este filósofo, a única fonte do nosso saber. Para ele,

⁵ Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/descartes/racionalismo.htm>. Acessado em 12.01.2013.

⁶ GONZÁLEZ, Zeferino. HISTORIA DE LA FILOSOFÍA. TOMO III - CRISIS ESCOLÁSTICO-MODERNA. FUENTE: Agustín Jubera, Madrid, 1886 - 2ª edición. Edición digital en Torre de Babel Ediciones. Disponível em <http://www.e-torredebabel.com/historia-filosofia-gonzalez/historiafilosofiamoderna-gonzalez.htm>. Acessado em 12.01.2012.

tudo aquilo que podemos vir a conhecer tem origem em duas fontes distintas de percepção: as impressões e as ideias⁷. Assim, Hume mostra que todas as nossas ideias estão radicadas nas sensações que os objetos exteriores geram em nós por intermédio do corpo.

Hume, desenvolvendo y aplicando esta doctrina, dice: puesto que los actos internos son ocasionados y excitados por las impresiones de los cuerpos en los sentidos, las cuales originan y constituyen las sensaciones, síguese de aquí que todas nuestras ideas y conocimientos intelectuales no son más que funciones varias de la razón, que se reducen a componer, descomponer, añadir y restar, unir y separar los materiales suministrados por la experiencia externa e interna (GONZALEZ, 1886).

As relações de causa e efeito, assim como de hábito e crença são princípios basilares da filosofia de Hume. Ora, as ideias de causa e efeito são diferentes entre si, dado ao fato de que não existe exame de causa que possa fazer com que conheçamos, a priori, o efeito que dele decorre.

Substancia, essência, causa, efeito, material, forma e todos os outros conceitos da metafísica (deus, alma, mundo, infinito, espaço, finito, entre outros), não correspondem a seres, a entidades reais e externas, independentes do sujeito do conhecimento, mas seriam nomes gerais com que o sujeito nomeia e indica seus próprios hábitos associativos.

Analisando-se especialmente a noção de causalidade, parece-lhe que, quando dizemos que o mundo exterior nos é dado com certa ordem, ou que é regido por leis, essa ordem e essas leis nada mais são, na verdade, que nossas crenças e, mesmo, nossos hábitos mentais. A causalidade não estaria mais nas coisas, e sim, no sujeito.

O hábito é, segundo Hume, o grande guia da vida humana. Trata-se de um princípio que faz com que nossa experiência nos seja útil e nos leve a esperar, no futuro, uma sequência de eventos análogos aqueles que ocorreram no passado. Sem a ação do hábito, ignoraríamos completamente toda questão do

fato além daquilo que está imediatamente presente à memória ou aos sentidos. O fundamento da causalidade tornou-se irracional, saindo de uma esfera objetiva para outra subjetiva, defendia Hume.

"En fuerza del hábito y costumbre que tenemos de observar la sucesión constante entre ciertos fenómenos, damos el nombre de causa al uno de ellos y el nombre de efecto al otro"(GONZALEZ, 1886). Para Hume, a suposição de que o evento anterior, a causa, tinha de ser seguido pelo evento sucessivo, o efeito, é mera expectativa humana projetada na realidade. Não há, na perspectiva do filósofo, justificativa para acreditar que exista qualquer obrigação causal na ordenação dos eventos. Ora, observar a regularidade não descarta a possibilidade de que algo diferente ocorra da próxima vez.

O ceticismo de David Hume, foi, conforme afirmou o próprio Kant, o que o teria influenciado, "Confesso abertamente haver sido a advertência de D. Hume que, já se vão muitos anos, pela primeira vez me despertou do meu sono dogmático" (PASCAL, 2009, p. 30).

Conforme já explicitado, a ideia crítica de Kant só apareceu em 1781, com a Crítica da razão pura, o que teria sido motivado, não pela rejeição deste filósofo à metafísica clássica, mas pelo fato de possuir consciência das incertezas de suas conclusões e da fraqueza dos argumentos da metafísica.

Assim, as leituras da obra de Hume levou Immanuel Kant a indagar se a metafísica é/era possível e em quais condições. Destarte, acordar do "sono dogmático" seria estudar a estrutura e o poder da razão para determinar o que ela pode e o que ela não pode conhecer verdadeiramente.

Para as questões do inatismo e do empirismo, Kant afirmou a existência de dois troncos do conhecimento humano: a sensibilidade e o entendimento. Em Kant, por assim dizer, o conhecimento deixa de ser pensado fundamentalmente como uma contemplação, como teoria, e passa a ser pensado com uma atividade, como ação. Com efeito, conclui-se que,

O conhecimento é produto de uma faculdade complexa, o resultado de uma síntese da sensibilidade e do entendimento. [...] todo conhecimento implica uma relação - melhor: uma correlação - entre um sujeito e um objeto (LEITE, 2011, p. 39).

⁷ Por *impressões*, David Hume, entende que são os dados fornecidos pelos sentidos. Já por *ideias*, entenda-se as impressões tais como representadas em nossa mente, conforme delas nos lembramos ou imaginamos. Para saber mais ver: HUME, David. "Investigações sobre o Entendimento Humano". São Paulo: UNESP, 2004.

De acordo Com Kant, na introdução a "Crítica da Razão Pura,

Até agora se supôs que todo o nosso conhecimento tinha que se regular pelos objetos; porém, todas as tentativas de mediante conceitos estabelecer algo a priori sobre os mesmo, através do que o nosso conhecimento seria ampliado, fracassaram sob esta pressuposição. Por isso tente-se ver uma vez se não progredimos melhor nas tarefas da metafísica admitindo que os objetos tem que se regular pelo nosso conhecimento, o que assim já concorda melhor com a requerida possibilidade de um conhecimento a priori dos mesmos que deve estabelecer algo sobre os objetos antes de nos serem dados (KANT, 1999, p. 39).

Neste sentido, Kant teria feito sua revolução copernicana, sugerindo que a razão deveria está no centro de tudo. Destarte, afirma que eram os objetos que deveriam se regular pelos nosso conhecimentos, não o contrário. Eis o teor da revolução kantiana: o conhecimento.

Sobre a revolução na copernicana de Kant, Thouard explica, "a comparação com Copérnico não evoca uma intervenção concreta sobre o mundo, mas unicamente um interpretação. Nenhuma 'descoberta' particular ou inovação técnica está em causa, mas apenas uma mudança na maneira de ver as coisas" (2004, p. 44). Afinal, o grande feito de Copérnico teria sido exatamente inverter os pontos de vista e considerar que "todo o exército de astros girava em torno do espectador, tentou ver se não seria bem-mais sucedido se deixasse o expectador mover-se e, em contrapartida, os astros [ficassem] em repouso" (KANT, 1999, p. 39). Assim, o gesto de Copérnico implicou em considerar as coisas de outra maneira, afirmou o filósofo. A rigor, sua revolução teria sido inversa a de Copérnico, assinala Denis Thouard. Para Kant,

Compreender que as coisas que acreditamos dadas em primeiro lugar podem ser também constituídas por nós, em outras palavras, perceber nossa imperceptível colaboração na constituição do mundo objetivo, eis o que constituiu uma "revolução" simétrica à de Copérnico (THOUARD, 2004, p. 45).

Dito isto, é preciso perguntar qual o propósito da revolução kantiana e quais os seus significados na sua filosofia?

Ora, a revolução copernicana de Kant é, sem dúvida uma resposta as propostas elaboradas por racionalistas e aquelas elaboradas por empiristas. Sua revolução consiste pois em deslocar o sujeito da periferia do conhecimento para o centro.

Enfim, com sua revolução Kant inicia um novo momento na história do conhecimento, provocando grandes mudanças, tanto no pensamento filosófico, quanto no universo da história.

3. Kant e o século da Crítica

Para compreender o que foi a revolução copernicana de Kant é preciso, antes de tudo, considerar e avaliar que a revolução científica e filosófica que se intensificou no século XVIII, o século das Luzes, marcando a ruptura entre o "mundo fechado", limitado e o "mundo aberto", infinito.

Sobre esse mundo que se abre o poema de Alexandre Koyré, citado por Luc Ferry é elucidativo

*A nova filosofia torna tudo incerto
O elemento do fogo se apagou por completo,
O Sol está perdido; e a Terra, ninguém mais
É capaz de nos dizer onde procurá-la [...] Tudo se fragmentou, toda coerência desapareceu.
Já não há relação justa nem harmonia (2012, p. 21).*

Kant viveu o Iluminismo, sua obra reflete bem isso. Inserido neste novo mundo, o filósofo "tinha consciência de viver em uma época que prometia múltiplas liberações" afirma Denis Thouard (2004, p. 25). Com efeito, no conjunto de suas obras observa-se que este filósofo esteve permanentemente em discussão com seus precursores e contemporâneos, partilhando com esses o desejo "de emancipação das autoridades e das formas impostas pelo costume (THOUARD, 2004, p. 25).

Así es que, al finalizar el siglo XVIII, la Filosofía, corroída interiormente por un racionalismo universal y absorbente, y saturada a la vez de escepticismo y sensualismo materialista, se hallaba en un estado de verdadera postración, y no es fácil calcular lo que hubiera sido la historia de la Filosofía, a contar desde la época indicada, sin la sacudida vigorosa que le comunicó el genio de Kant. (GONZÁLEZ, 1886).

O século da crítica: razão e história no pensamento de Imanuel Kant

Nosso filósofo nomeou seus principais livros de "Críticas", reconhecendo está imerso em sua própria época, afirma Denis Thouard. Desta forma, denominou seu século como "o século da crítica", e sua cometimento, sendo a expressão do seu tempo, era também a crítica.

Sapere aude! Com essa expressão Kant nos convida a não nos acomodarmos, a irmos a procura do saber, pois exclusivamente através da ousadia de saber é que o homem poderia sair de sua minoridade intelectual.

Ora, tendo ciência de está mergulhado em seu tempo, Kant tinha também consciência das dificuldades que é romper com as referências de um determinado espaço e tempo. Para ele, a racionalização da sociedade não poderia ser libertadora se as pessoas não participassem ativamente dela. Destarte, defende o autor a busca do pensamento autônomo, o que era fundamental para que o projeto Iluminista, pudesse de fato promover a libertação da sociedade. Neste sentido,

Buscar um pensamento autônomo, não é seguir cegamente as idéias que circulam, mas submetê-las a exames, enfraquecê-las, contradizê-las e, as vezes combatê-las é toda a dificuldade que há em 'ser de seu tempo' quando se faz profissão de lucidez, quando se é filósofo [e também historiados]. (THOUARD, 2004, pp. 30-31).

Em rigor, as causas da dificuldade do homem em ousar saber estariam, segundo Kant, em seu comodismo, em sua indolência, em seu acovardamento. Com efeito, para pessoas que estão habituadas a receberem as coisas nas mãos, torna-se complicado e ameaçador renunciar sua minoridade. Eis por que Kant defende que a razão crítica deveria funcionar como uma procedimento para retirar o homem da mediocridade.

Em sua "Crítica da razão pura", a teoria do conhecimento volta-se para o sujeito. Sua filosofia crítica consiste em impor à razão os limites da experiência.

Que todo o nosso conhecimento começa com a experiência, não há dúvida alguma, pois, do contrário, por meio do que a faculdade de conhecimento deveria ser despertada para o exercício senão através de objetos que tocam nossos sentidos e em parte produzem por si próprios representações, em parte põem em movimento a atividade do nosso entendimento para compará-las, conectá-las ou separá-las e, desse modo, assinalar a matéria bruta das impressões sensíveis a um

conhecimento dos objetos que se chama experiência? Segundo o tempo, portanto, nenhum conhecimento em nós precede a experiência, e todo ele começa com ela.

Mas embora todo o conhecimento comece com a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente da experiência. Pois poderia bem acontecer que mesmo o nosso conhecimento de experiência seja um composto daquilo que recebemos por impressões e daquilo que a nossa própria faculdade de conhecimento fornece de si mesma, cujo aditamento não distinguimos daquela matéria-prima antes de um longo exercício nos tenha tornado atento a ele e nos tenha tornado aptos á sua abstração (KANT, 1999, p. 53).

Kant transformou a maneira como as pessoas pensavam sobre a relação do mundo da experiência para com a mente. Para ele, a mente não é moldada pelo mundo da experiência; em vez disso, o mundo das experiências é moldado pelas formas e categorias imutáveis da mente que existe a priori e não se originam nem são testadas pela experiência sensorial.

4. A História Filosófica de Kant⁸

Apesar de sua primeira obra de cunho histórico datar de 1784, "Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita"⁹, observa-se que ao longo de sua obra Kant ocupou-se com a elaboração de uma história filosófica.

Em "Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita", Kant sugere que, "se pretendemos que o curso da história humana tenha sentido, temos que pressupor a acção de um 'plano secreto', ou de princípios teleológicos" (GARDINER, 2004, p. 27).

O filósofo afirma que os ações humanas são determinadas por leis naturais de caráter universal e submetidas ao curso regular de um desenvolvimento contínuo que não pode ser percebido nos indivíduos isoladamente, mas no conjunto da espécie. Conforme observa o filósofo, "os homens individualmente e até povos inteiros mal pensam que, ao seguirem as suas próprias intenções [...]"

⁸ A história filosófica de Kant é constituída de pequenos textos, ver biografia neste trabalho.

⁹ Em 1784, o ensaio "Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita" foi publicado na revista Berlinische Monatschrift.

prosseguem ser dar por tal um desígnio da natureza, que lhes é desconhecido" (KANT, 2004, p. 29). Em rigor, os indivíduos não perceberiam que ao encaçarem seu objetivos pessoais, estariam colaborando, sem saber, para um propósito da natureza.

A partir da perspectiva teleológica da natureza, expressa na primeira proposição de seu ensaio *Ideia de uma história universal...* a história filosófica kantiana considera a espécie humana do ponto de vista da história do desenvolvimento das suas disposições naturais. De acordo com o filósofo, "todas as disposições naturais duma criatura estão destinadas a desenvolver-se um dia de maneira plena e adequada ao respectivo fim" (KANT, 2004, p. 30), e continua: "Um órgão que não é para se usar, um dispositivo que não atinge o seu fim, é uma contradição na teoria natural da teleologia". Todavia, segundo aquele filósofo, o desenvolvimento das disposições racionais do homem só podem se realizar completamente na espécie, dado que razão exige "experiências, exercícios, aprendizagem, para avançar de um escalão de inteligência para outro. Assim sendo, a razão precisa de muitas geração para desenvolver-se completamente, visto que o tempo de vida de um homem é insuficiente para que este possa fazer uso "de todas as suas disposições naturais".

Ora, mas para desenvolver suas disposições "a natureza quis que o homem tire inteiramente de si tudo aquilo que ultrapassa a ordenação mecânica da sua existência animal" assinala Kant (2004, p. 30). O filósofo afirma que a natureza pretende que o homem deve obter tudo aquilo que o diferencia dos animais irracionais por meio do uso da sua razão. Observe-se que esta proposição sugere que a natureza se organiza de forma a conduzir o homem à busca de suas necessidades, o que concorre para o aprimoramento da sua razão.

A quarta proposição indica que os homens tem uma tendência para se associar e, igualmente para isolar-se, antagonismo este que concorre para regular a sociedade. Segundo Kant, é este antagonismo que leva o homem a superar a preguiça e, "levado pela ambição, instinto de domínio e cobiça, a conquistar um lugar entre seus semelhantes, que ele não suporta mas sem os quais não pode passar" Assim, esse antagonismo é necessário para nos conduzir em direção ao desenvolvimento da razão. Essa hipótese pode ser melhor expressa na frase: "O homem quer concórdia, mas a natureza sabe melhor o que é bom para a sua espécie e quer discórdia" (KANT, s/d, p.

32). Considere-se que todo homem tenta exercer influência sobre os outros, de modo a tentar garantir a realização de seus propósitos particulares. Assim, a humanidade só se realiza a partir do antagonismo entre os indivíduos, de forma que a sociabilidade insociável concorre também para o surgimento da sociedade civil.

Com efeito, o maior problema para a espécie humana é estabelecer uma sociedade civil que administre universalmente o direito. Observe-se que a principal tarefa que a natureza impõe ao homem é a criação de uma sociedade civil e perfeitamente justa. Para atingir tal fim, os homens devem perseguir seus propósitos particulares, orientando-se a partir de leis externas.

Para Kant, os homens não poderiam viver em estado de liberdade por um tempo muito extenso, dado que, devido a sua propensão a insociabilidade esta liberdade sem leis seria prejudicial ao desenvolvimento da sua razão, desta forma, ele é obrigado a ingressa num estado de liberdade submetida a leis.

Mas "o problema do estabelecimento de uma constituição civil perfeita depende do problema das relações externas entre os estados". Em rigor, a constituição civil perfeita depende da relação de um Estado para com outro. Por meio da razão, os Estados encontrariam uma forma perfeita de se relacionar, sem que houvesse a necessidade de passar pelas experiências traumáticas das guerras e dos infortúnios que ela causa.

Em sua obra também de teor histórico "La Paz Perpetua", na segunda seção, intitulada "Bases definitivas de la Paz Perpetua entre los Estados", Kant afirma,

La paz no es un estado natural en el que los hombres viven unidos. El estado natural es más bien el de la guerra, uno en el que, si bien las hostilidades no se han declarado, existe un riesgo constante de que estallen. No alcanza com evitar el inicio de las hostilidades, para asegurar la paz. Por esto, la paz es algo que debe ser "implantado"; porque no alcanza com no romper las hostilidades para asegurar la paz, y si quienes viven juntos no se dan mutuas seguridades (cosa que sólo sucede en el estado civil) puede ocurri que cada uno requiera algo de otro, lo juzgue, y en caso de obtener una negativa, lo tome como adversario" (KANT, 2001, p.29).

Eis que, a garantia do estado de paz perpétua entre os homens, nas palavras do nosso filósofo "se encuentra precisamente en el grandioso artista: la Naturaleza. En su curso mecánico se percibe claramente una finalidad que introduce en las contiendas humanas, hasta contra la voluntad del hombre, armonías y concordia"(KANT, 2001, p53).

Valendo-se da "incompatibilidade entre os homens e até entre as grandes sociedades e corpos políticos desta espécie de criaturas, através do seu inevitável antagonismo, [vem] criar uma situação de calma e segurança" (KANT, s/d, p. 35). Assim, considere-se que a natureza sai de um estado de leis selvagens para entrar numa federação fundamentada em leis. As guerras são explicadas pelo filósofo como sendo, todas elas uma tentativa de aperfeiçoamento, de melhoramentos, ou ainda, tentativas de estabelecer, segundo os propósitos da natureza, novas relações entre os Estados.

No primeiro suplemento do seu estudo "La Paz Perpetua", ao examinar como a natureza administra a organização do Estado com o fim de garantir a paz, o filósofo assinala,

las disposiciones provisionales de la Naturaleza son las siguientes:

Primeira: ha tenido en cuenta que las personas puedan vivir en todos los lugares de la Tierra.

Segunda: las repartió, valiéndose de la guerra, en todas las regiones, aun las más inhospitalarias, para que las pueblen y habiten.

Tercera: mediante la guerra misma ha obligado los hombres a entrar en mutuas relaciones más o menos legales (KANT, 2001, pp.58-59).

É digno de admiração o fato de que,

En las costas heladas de los mares del norte, crece el musgo que busca el reno bajo la nieve. Y el reno, por su parte, alimenta y transporta a los habitantes de esas frías comarcas.

En los desiertos de arena vive el camello, que parece creado para permitir el desplazamiento por los caminos interminables [...] pero se ve más claro aun la finalidad de la naturaleza cuando se toma en cuenta que las heladas costa del norte, viven animales cubiertos de pieles espesas y hay focas, caballos marinos y ballenas que dan alimento com su carne y su grasa así como fuego a los pobladores de esas regiones [...] Probablemente la guerra fue la que los llevó a ampararse en esas tierras lejanas (KANT, 2001, pp. 59-60).

Ora, dado que a natureza permitiu que os homens pudessem viver sobre a terra, foi caprichosa ao impor que eles vivessem uma sociabilidade insociável, o que pressupõe que estes deveriam sair de um estado de liberdade selvagem para se submeter a uma lei moral. Para atingir este fim a natureza escolheu a guerra como meio.

Finalmente, consideramos importante observar a nona proposição da obra em apreço, "uma tentativa filosófica para tratar a história universal geral, segundo um plano da natureza que tenha por objectivo a perfeita união política da espécie humana" (KANT, s/d, p. 39). Ora, observa-se que o desenvolvimento da humanidade segue a direção da sociedade civil ideal, onde a solidariedade eliminará o conflito, o que aconteceria independente da vontade humana. Assim, Kant sugere que no curso do mundo não existe atalhos para a sociedade perfeitamente justa, assim, a humanidade levará muitas gerações para concretizar suas potencialidades, o que significa dizer que somente as gerações vindouras usufruirão do trabalho das gerações anteriores. Kant conclui com a questão: "Como compreenderão os nosso vindouros a carga a carga de história que lhes teremos legado ao fim de alguns séculos?" (KANT, s/d, p. 41)

E adianta: "sem dúvida que apreciarão a dos tempos antigos [...] , apenas do ponto de vista que lhes interessa, nomeadamente o dos êxitos e dos fracasso dos povos e dos governos, no âmbito cosmopolita" (KANT, s/d, p. 41)

De uma forma geral, segundo Luc Ferry, nos textos kantianos que tratam da história filosófica a ideia de que a história da humanidade só é passível de consideração filosófica quando o conjunto das ações humanas são tomados a partir de uma perspectiva teleológica é recorrente, mas não somente em tais obras. Assim sendo, a questão é: como a história filosófica de Kant se insere no conjunto maior de sua obras, as críticas?

Claro que há divergência entre seus críticos. Dentre aqueles que defendia que as obras de história de Kant não se coadunam com suas Críticas está Théodore Ruysen, que defendia haver duas filosofias kantianas: "uma esotérica, cujas profundezas não cessamos de sondar, e outra exotérica, muito mais acessível, ainda que singularmente rica e sugestiva" (apud. ANDRADE, 2002, p.26). A história situava-se no universo das filosofias exotéricas, segundo o mesmo autor.

Ora, o recurso à teleologia da natureza para a produção de uma história filosófica responde a exigências da razão, na medida em que a razão exige ser cultivada. Neste sentido, a elaboração de uma história filosófica recorre a teleologia de maneira a considerarmos a natureza como se tivesse como fim o integral desenvolvimento da racionalidade humana, considerando-se, por assim dizer, que os homens trabalhassem segundo a intenção da natureza para desenvolver completamente sua razão.

Enfim, a história, segundo Kant, é o que prepara a natureza para submeter-se a liberdade.

Como diria Kant, "con las piedras que con duro intento los críticos te lanzan, bien puedes erigirte un monumento".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Susana. Prólogo. In. KANT. Immanuel. La paz Perpetua. Buenos Aires: Longseller, 2001.

ANDRADE, Abraão Costa. Kant: Crítica e História. Princípios: UFRN: Natal. v.9, ns.11-12. pp.126-144. Jan/Dez 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de A; Martins, Maria Helena P. Filosofando: introdução à Filosofia: São paulo Moderna 1993.

BRANDÃO, Gildo Marçal. Hegel: o Estado como realização histórica da liberdade. In. WRLFFORT. Francisco C. (org.) Os clássicos da política. vol 2. São Paulo: Ática, 2006.

FERRY, Luc. Kant: uma leitura das três "críticas". Rio de janeiro: Difel, 2012.

GONZÁLEZ, Zeferino. HISTORIA DE LA FILOSOFÍA. TOMO III - CRISIS ESCOLÁSTICO-MODERNA. FUENTE: Agustín Jubera, Madrid, 1886 - 2ª edición. Edición digital en Torre de Babel Ediciones. Disponível em <http://www.e-torredebabel.com/historia-filosofia-gonzalez/historiafilosofiamoderna-gonzalez.htm>. Acessado em 12.01.2012.

HARTMAN, Robert S. Introdução. In. HEGEL. G.W.F. A Razão na História. São Paulo: Centauro, 2001.

HEGEL. G.W.F. A Razão na História. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. Fenomenologia do Espírito. disponível em <http://br.egroups.com/group/acropolis>. Acessado em 12.01.2012.

_____. História Filosófica. In. GARDINER. Patrick. Teorias da História. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian, S/d.

HUGHES-WARRINGTON, Marnie. 50 grandes pensadores da História: São Paulo: Contexto, 2004.

HUME, David. "Investigações sobre o Entendimento Humano". São Paulo: UNESP, 2004.

JERPHAGNON, Lucien. História das grandes filosofias. São Paulo: Martins Fontes: 1992.

KANT. Immanuel. Crítica da Razão Pura. São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. Crítica da Razão Pura. In. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

_____. Ideia de uma História Universal de um ponto de vista cosmopolita. In. GARDINER. Patrick. Teorias da História. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian, S/d.

_____. Ideia de uma História Universal com um propósito cosmopolita. Trad. MOURÃO, Artur. Disponível em <http://www.lusofia.net>.

_____. La paz Perpetua. Buenos Aires: Longseller, 2001.

LEITE. Flamarion Tavares. 10 Lições sobre Kant. Petrópolis: Vozes, 2011.

MENESES, Pualo. Hegel & a fenomenologia do espírito. Col. Passo-a-passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

NÓGREGA, Francisco Pereira. Compreender Hegel. Petrópolis: Vozes, 2009.

PASCAL, Georges. Compreender Kant. Petrópolis: Vozes, 2009.

REDYSON, Deyve. 10 Lições sobre Hegel. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROSENFELD, Denis L. Hegel. Col. Passo-a-passo: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

STOKES, Philip. Os 100 pensadores essenciais da filosofia. Rio de janeiro, Difel, 2012.

THOUARD, Denis. Kant. São paulo: Estação Liberdade, 2004.